

A concepção sociosemiótica de linguagem

A linguagem é o domínio do possível

Peter Pál-Pelbart, *O avesso do nilismo*

Neste capítulo, meu objetivo é investigar a noção de D/discurso e sua relação com o conceito de prática social à luz dos encaminhamentos teóricos de Gee (2013; 2015) e Fairclough (1989; 2001), como também das discussões emanadas do contexto da internet.

Num primeiro momento, estabeleço a relação entre D/discurso e Prática Social, sustentando que só é possível falar em práticas sociais a partir da emergência do D/discurso – o uso da linguagem em relação às diversas comunidades com as quais indivíduos se inserem – e sua relação com a ideologia. Proponho que as teorias defendidas por Gee e Fairclough estão em conformidade com a lógica da internet como cultura participativa, a partir do conceito do imaginário da internet (FLICHY, 2008).

Discuto, ainda, as contribuições dos conceitos de D/discurso e Prática Social para a presente análise a partir do aporte da Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014) e do sistema de Avaliatividade (VIAN JR; SOUZA; ALMEIDA, 2010). A concepção sociosemiótica de linguagem que embasa a teoria hallidayana defende que a linguagem é organizada por uma lógica análoga a lógica do virtual, na qual o Sistema de Avaliatividade permite analisar o D/discurso a partir das contribuições individuais à situação social.

4.1 D/discurso e Prática Social

Quando usamos a linguagem, o fazemos não só para comunicar informação, mas também para agir no mundo. Podemos usar a linguagem para cooperar com outras pessoas, dar-lhes apoio ou construir comunidades. Entretanto, também podemos usar a linguagem para causar problemas às pessoas, tirar vantagem delas ou destruir comunidades. Todas essas ações são possíveis por meio das práticas sociais, usos da linguagem que acontecem quando indivíduos, situados por seus Discursos e ideologias, utilizam o discurso para agir socialmente.

O Discurso – escrito com "D" maiúsculo – se refere aos vários grupos sociais com os quais compartilhamos convenções para o uso da linguagem (GEE, 2013). Cada um desses agrupamentos humanos – que possui um vocabulário próprio, associado a um conjunto de atividades e identidades próprias – é organizado por critérios de etnia, de profissões, de organizações, entre outros. O termo Discurso denota a concepção de que esses modos de organização existem e continuarão existindo através do tempo e do espaço, cada indivíduo construindo sentidos enquanto inserido no Discurso (GEE, 2015).

O Discurso compreende, assim, o conjunto de comunidades aos quais pertencemos e dos quais “retiramos” as convenções necessárias para agir socialmente por meio da linguagem. Para isso, utilizamos o discurso – escrito com "d" minúsculo – entendido aqui como toda forma de linguagem em uso (GEE, 2015, p. 2). Em outras palavras, o discurso ("d" minúsculo) compreende no fluxo de linguagem em uso através do tempo e do espaço, além dos padrões e conexões desse fluxo. Já o Discurso (com “D” maiúsculo) incorpora o discurso nas formas em que a linguagem se funde com os corpos e as coisas para criar a sociedade e a história. A diferença entre Discurso e discurso se faz relevante por duas razões.

Em primeiro lugar, a distinção se faz necessária frente ao modo como enxergamos a linguagem como um conjunto de convenções ou generalizações sobre o mundo e linguagem em uso. A definição de Discurso trabalhada nesta

dissertação assume que as convenções sociais são fruto dos diferentes grupos aos quais nos associamos. Em outras palavras, a maneira como nos situamos em relação a outros indivíduos serve de base para agirmos no mundo. Com isso, a linguagem em uso é trabalhada a partir de sua dimensão social em vez de sistemas externos aos falantes/escritores.

Em segundo lugar, adoto o termo como forma de combinar os vários conceitos de comunidade trabalhados na Linguística Aplicada em contextos off-line. Como vimos, o Discurso compreende o conjunto de grupos sociais aos quais nos associamos. Esses grupos poderiam incluir as comunidades de fala (SILVERSTEIN, 2015), comunidades de prática (WENGER-TRAYNER; WENGER-TRAYNER, 2015), ou comunidades discursivas (SWALES, 1990). Entretanto, cada um desses termos captura apenas uma parte dos grupos ou dos aspectos que definem o Discurso (GEE, 2013). Por isso, opto por usar o termo Discurso para explicitar que considero que as relações estudadas neste trabalho não se resumem a um tipo de comunidade típica das interações off-line, mas de uma comunidade atravessada por questões de fala, discursos e práticas, a comunidade imaginada (cf. 3.3).

Existem dois tipos de Discursos que adquirimos durante nossas vidas: os Discursos Primários e os Discursos Secundários (GEE, 1990; 2013; 2015). O primeiro se refere ao Discurso que nos provê os recursos para estabelecermos nossas identidades e para utilizar a linguagem em nossas práticas vernaculares (linguagem do dia-a-dia). O Discurso secundário é o conjunto de grupos sociais com os quais interagimos fora da "esfera pessoal"¹⁶, inseridos em comunidades mais amplas.

As comunidades imaginadas – pertinentes à pesquisa desenvolvida aqui – são um dos grupos sociais que compõem o Discurso Secundário, porém possuem a característica de não exigir, necessariamente, as convenções para os modos de uso da linguagem, comum às outras comunidades (cf. Cap. 3). O discurso, enquanto linguagem em uso, serve a função de modo de ação social baseada nos

16 A esfera pessoal pode incluir família e amigos próximos. As comunidades fora dessa esfera podem incluir colegas de trabalho e outros círculos de convivência mais distantes.

insumos providos pelo Discurso.

Entretanto, a definição de discurso como linguagem em uso apresenta a dificuldade de não permitir uma análise que leve em consideração as relações que os usuários mantêm entre si no momento do evento discursivo (fala ou escrita) e se atém a contextos institucionais. Assim, de forma a fazer a definição de D/discurso pertinente à análise desenvolvida nesta dissertação, combino a definição de Discurso de Gee com a definição de discurso associada à prática social (FAIRCLOUGH, 1989, 2001).

Fairclough chama atenção para o poder constitutivo do discurso ao ressaltar que “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social firmemente enraizada em estruturas sociais concretas, orientando-se para elas” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 93). Cada prática social é, por sua vez, uma forma estabilizada de atividade social.

Exemplos de práticas sociais incluem a aula no contexto escolar, as notícias as refeições em família e as postagens em redes sociais. No YouTube, por exemplo, cada vídeo postado na plataforma constitui uma prática social, tanto quanto os comentários que o seguem. Fairclough (2001b) sugere que cada prática social inclui os seguintes elementos: atividades, sujeitos e suas relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, foras de consciência, valores e discurso.

Por essa perspectiva, o discurso (linguagem em uso) é entendido como o modo particular de representação da vida social, ou seja, o conjunto de “formas distintas de conceber e verbalizar um fenômeno social.” (OLIVEIRA, 2013, p. 284). Por exemplo, quando discutindo o pouso lunar, os dois grupos na seção de comentários do Nerdologia polarizam a discussão ao representar a viagem à lua de maneira diferente.

Podemos concluir que o discurso, como linguagem em uso, constitui as práticas sociais, formas mais "concretas" de ação social. Porém, ao mesmo tempo, o discurso também é constituído pelas práticas sociais. Essa relação entre discurso e prática social é descrita como dialética. Em outras palavras, discurso e prática

social, embora distintos, não são completamente separados um do outro (OLIVEIRA, 2013). Essa relação entre discurso e prática social traz à tona um elemento importante aos estudos do discurso: a ideologia.

Como apontado no meu exemplo anterior sobre o canal Nerdologia, comentadores polarizam a discussão na seção de comentários e constituem a exploração lunar a partir do seu discurso, motivados por suas ideologias. Para Althusser (1970 apud BRANDÃO, 1996, p. 24), “ideologia em geral consiste na abstração dos elementos comuns de qualquer ideologia concreta, a fixação teórica do mecanismo geral de qualquer ideologia”. Para explicar sua teoria, Althusser formula três hipóteses:

1. a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência, ou seja, as relações do ser humano com sua realidade material são mediadas pelo imaginário – formas simbólicas de representação da realidade
2. a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas. As ideias de um sujeito, dessa forma, devem existir em seus atos. Quando isso não acontece, o sujeito empresta ideias para justificarem os atos que realizam.
3. a ideologia interpela indivíduos como sujeitos. Em outras palavras, o indivíduo concreto (material) só se torna capaz de interagir com a ideologia através dos próprios rituais de funcionamento da ideologia. Assim, não é possível interagir com uma ideologia de forma “não ideologizada” (ou assujeitada)

Por meio das três hipóteses apresentadas, Althusser defende a teoria de que ideologias são formas simbólicas que os seres humanos têm de interagir com suas condições reais de existência (humanos como indivíduos), manifestas por meio de

práticas materiais (ou ações) que realizam quando se constituem enquanto sujeito (humanos interpelados pela ideologia).

A definição de ideologia teorizada por Althusser é criticada por Fairclough (1989), que acrescenta que as relações imaginárias que interpelam indivíduos como sujeitos são “geralmente não conscientes”, o que faz com que a ideologia constitua um conjunto de “pressuposições implícitas do senso comum nas convenções de acordo com as quais as pessoas interagem linguisticamente e das quais as pessoas geralmente não estão conscientes” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 1).

Assim, práticas sociais estão em relação dialética com D/discursos e ideologias. Discurso e ideologia nos proveem com as convenções de uso da linguagem para agirmos socialmente através do discurso (linguagem em uso) e das práticas sociais. Na internet, Discurso e ideologia se manifestam como um conjunto de convenções que prezam pela autonomia do indivíduo.

Embora não tenha usado os termos Discurso ou ideologia, Flichy (2008) discute as relações imaginárias que indivíduos conectados estabelecem com suas condições materiais por meio do imaginário da internet. Para o sociólogo francês, o indivíduo se situa no ciberespaço com base em três crenças: o “domínio total do saber”, ligada à impressão de que todos podem ter acesso a todas as informações do mundo, sendo essas imediatamente compreendidas; a existência de uma “comunidade virtual” que se originaria das trocas interativas imediatas (grupos com uma posição assumida sobre o mundo); e “autorregulação total”, que compreende a crença de que, no espaço virtual, indivíduos são livres de sanção.

Esse conjunto de crenças faz com que usuários das redes sociais assumam duas atitudes comuns: a solidariedade, quando alinhados¹⁷ discursivamente; e o cinismo, quando não alinhados. Vale ressaltar, entretanto, que tanto a solidariedade quanto o cinismo são atitudes que se manifestam tanto em momentos de alinhamento quanto em momentos de não alinhamento, o que sugere a complexidade do fenômeno estudado. Na análise de dados (cf. Cap. 5), desenvolvo essa proposta de análise. Na próxima seção, me dedico à descrição do

17 A noção de alinhamento adotada neste trabalho se resume tão somente à concordância e discordância, não necessariamente ligada ao conceito Goffminiano de Alinhamento

ferramental de análise utilizado nessa dissertação, a Linguística Sistêmico Funcional (LSF).

4.2

Linguística Sistêmico Funcional

Na qualidade de teoria de análise linguística, a LSF compreende que linguagem está integralmente relacionada com a função social e o contexto (BAWARSHI; REIFF, 2013). Na Linguística Sistêmico Funcional, o termo "sistêmico" se refere ao sistema de escolhas sob o qual a linguagem se organiza para propiciar diferentes formas de ação social em contextos diversos. Já o termo "funcional" se refere às funções sociais que a linguagem cumpre nesses contextos. Ou seja, em perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem se organiza da maneira que o faz para cumprir o conjunto de funções sociais pertinentes aos contextos de cultura e situação.

Assim, pela ótica da LSF, é possível estudar a linguagem na cibercultura como um fenômeno contextualizado, uma vez que a semiose (construção de sentido) é social e, portanto, regida pela inteligência coletiva descrita por Lévy (2003, apud BEMBEM; SANTOS, 2013). Defendo que o espaço virtual é um campo de ação social que existe enquanto possibilidade, regido pela sinergia entre usuários em diálogo. Com isso, a linguagem em uso cumpre a função de mediadora na sócio-construção de sentidos entre usuários no ciberespaço.

Por isso, admito que a lógica de organização do espaço virtual é um espelho da lógica de organização da linguagem (por uma perspectiva sociosemiótica): ambos são organizados e se constituem enquanto sistema de escolhas funcionais. Uma cultura plural e marcada pelas potencialidades e limitações do ciberespaço se mostra um terreno fértil a uma concepção sociosemiótica de linguagem, haja vista que o indivíduo se torna o fio condutor da semiose na internet.

Portanto, a LSF se mostra relevante para a presente pesquisa ao prover um

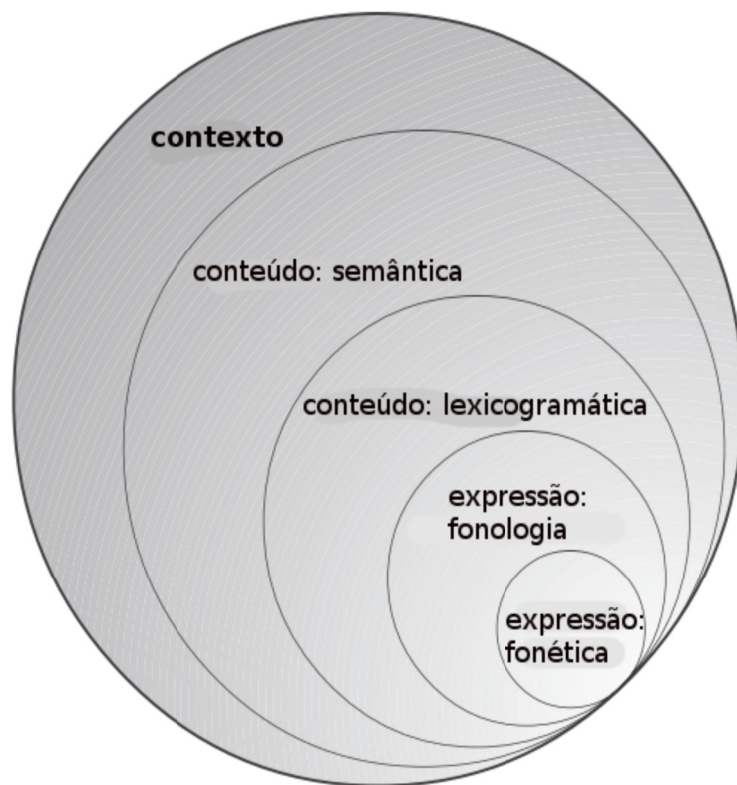
aporte teórico compatível com o objeto de estudo investigado nesta dissertação e viabilizar uma análise das práticas sociais no espaço virtual levando em consideração seu contexto. Para Eggins (2004), língua e contexto possuem uma relação de mútua influência: assim como as estruturas linguísticas são afetadas pelo contexto, esse também é afetado pela estrutura da linguagem. Portanto, a compreensão do contexto contribui ao entendimento das escolhas léxico-gramaticais.

A linguagem em perspectiva sistêmico-funcional é concebida como sistema e como texto (HALLIDAY; MATHIESSEN 2014, p. 27). A primeira se refere ao potencial da linguagem como recurso de criação de sentidos. A segunda, entende a linguagem como um conjunto de textos. Essas duas perspectivas são conciliadas por meio do processo de instanciação: o texto (a forma da linguagem) é a instanciação do sistema.

Halliday e Mathiessen (2014) descrevem a arquitetura da linguagem baseada em dois conceitos básicos: estratificação e metafunção. A estratificação remete à forma como a linguagem se organiza como sistema e como esses níveis de organização se relacionam. As metafunções descrevem as funções intrínsecas da linguagem e como a mesma se organiza enquanto texto.

A estratificação da linguagem¹⁸ é descrita em dois planos: o do conteúdo, consistindo nos estratos da semântica e da lexicogramática, que por sua vez se realiza no plano da expressão, composto (quando se referindo à linguagem verbal) pelos estratos da fonologia e a fonética. Essa relação pode ser vista na figura abaixo:

18 A estratificação da linguagem descrita aqui se limita tão somente à linguagem verbal, haja vista que é o modo de expressão analisado nos dados estudados nesta dissertação.

Figura 1: Estratificação da linguagem

Fonte: Halliday e Mathiessen 2014, p. 25 (tradução minha)

A figura mostra os estratos da linguagem como realização de um nível acima, partindo do contexto até chegar à expressão. As duas instâncias da linguagem (conteúdo e expressão) estão em diálogo com o contexto, compondo o sistema funcional de escolhas. O contexto é, assim, o ponto de partida para compreender o funcionamento desse sistema.

Halliday e Hasan (1989) desenvolvem, a partir dos estudos de Malinowski (1923), o conceito de contexto de situação, que descrevem por meio das variáveis campo, relações e modo. O campo é relacionado à atividade sendo realizada e com o propósito com o qual se está interagindo; as relações se referem aos interactantes, aos seus papéis sociais e como eles se relacionam; e modo ao papel da linguagem na comunicação. Para Halliday e Hasan (1989, p.5)

a situação na qual a interação linguística acontece dá aos participantes uma grande quantidade de informação sobre os sentidos que estão sendo trocados e os sentidos que podem ser trocados [entre eles/elas]

Uma análise do contexto de situação nos permite entender o caminho lógico que o falante está percorrendo quando construindo sentidos com seus interlocutores. Esse caminho é descrito por Halliday como realização: o contexto de situação realiza as metafunções, compondo o texto. No quadro abaixo, ilustro a organização textual da linguagem:

Quadro 2: Relação entre registro e metafunções			
Registro	Campo	Relações	Modo
Metafunções	Ideacional	Interpessoal	Textual
Fonte: Halliday e Hasan, 1989			

O texto é a instância do sistema, ou seja, uma manifestação particular de um sistema potencial de sentidos. Entre o potencial total do sistema e o sentido particular de um texto, existe a série de processos envolvendo o contexto de cultura, as variáveis do contexto de situação e as metafunções, que Halliday e Mathiessen definem como “as funções básicas da linguagem em nosso ambiente social” (2014, p. 30).

O termo metafunção remete à natureza funcional da linguagem. Diferentemente da definição de função que a assume apenas como o propósito ou o modo como a linguagem é usada, função é aqui entendida como intrínseca à linguagem. Como visto na arquitetura da linguagem proposta por Halliday, as funções de dar sentido à experiência e atuar em papéis sociais são a base do sistema potencial, que se instancia na forma textual.

Na LSF, as três metafunções da linguagem são a ideacional, a interpessoal e a textual. A primeira se refere à representação da experiência, a segunda aos papéis sociais performados e a terceira ao papel da linguagem como anciladora da interação. Juntas, elas cumprem a função primordial da linguagem de construir a

experiência humana.

A metafunção ideacional corresponde à representação da experiência, ou às ideias sendo expressas e suas inter-relações com o enunciado. Essa experiência, realizada por atores sociais em contextos específicos, pode ser constituída de duas formas: externa e interna. A primeira se refere às ações e eventos que acontecem ou são levadas a acontecer; a segunda se relaciona às lembranças, reflexões e estados de espírito que se verificam no nível do consciente (FUZER; CABRAL, 2014).

Por seu turno, a metafunção interpessoal está ligada aos papéis sociais e expressa a relação entre os falantes. Por meio dessas relações, é possível ver como participantes (re)agem a outros e — como no presente estudo — lidam com as questões relacionadas à solidariedade e poder, através de seus posicionamentos. A metafunção interpessoal se materializa em escolhas nos sistemas de Modo e Modalidade. (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014)

Por último, a metafunção textual é responsável por expressar o canal de comunicação (oral, escrito, etc) além da coesão e a coerência do enunciado. Em outras palavras, é pela metafunção textual que podemos verificar como falantes organizam a mensagem, fazendo os enunciados se conectarem de forma mais fluida. Essa metafunção constrói significados de três maneiras: por repetição, por conjunção e por tematização (THOMPSON, 2007).

Dessa forma, vemos que a LSF é uma teoria que adota uma perspectiva sociosemiótica para o estudo da linguagem, entendendo que o sentido é construído socialmente e que se realiza por meio de um sistema inerentemente funcional de escolhas. É nessa concepção de linguagem que se baseia o estudo desenvolvido nesta dissertação.

Com a LSF, é possível analisar a semiose social na internet, atentando para as escolhas léxico-gramaticais na constituição das comunidades imaginadas no ciberespaço. Com a maneira como o virtual “transborda” sobre o atual (SIGNORINI, 2013), o ciberespaço passa a ser cada vez mais parte da realidade social e provoca o que me refiro aqui como virtualização da fala cotidiana. Com

isso, quero dizer que o virtual passou a fazer parte das identidades e comunidades que formamos durante nossa vida social. A fala cotidiana (antes majoritariamente atual¹⁹) passou a ser virtual, fazendo com que todos os elementos associados fossem virtualizados. As comunidades criadas nesse contexto são impingidas pelo processo de virtualização.

As comunidades na internet se constituem com base em características individuais, fazendo com que a compreensão de comunidades imaginadas em ambientes virtuais passe, em primeira instância, pelo entendimento da maneira como indivíduos conectados criam e mantêm essas comunidades por meio de suas interações em contextos sociais. A LSF possibilita tal perspectiva de análise e faz com que seja possível investigar o papel das escolhas (léxico)gramaticais na criação e manutenção das relações regidas pelo virtual. Com isso, avanço para como o Sistema de Avaliatividade é usado para realizar a análise de tais escolhas na comunidade imaginada estudada nesse trabalho.

4.3

O Sistema de Avaliatividade

Martin e Rose (2003) propõem que existem certos conjuntos de significados que servem a cada metafunção, chamados sistemas discursivos (cf. MARTIN; ROSE, 2003, p. 17-23). Dentre esses, o Sistema de Avaliatividade (VIAN JR, 2009, 2012; VIAN JR, SOUZA; ALMEIDA, 2010) descreve como utilizamos a linguagem para expressar nossas relações sociais, ou seja, expressamos emoções, julgamentos e apreciações em contextos sociais.

O Sistema de Avaliatividade se encontra no estrato da semântica discursiva, se relacionando com a variável das relações, sendo o sistema responsável pelas negociações interpessoais de sentido (SOBRINHO, 2015).

Usado nos mais variados contextos profissionais e pedagógicos com o

19 Atual é tratado aqui como o oposto do virtual (cf. Cap. 3)

objetivo de investigar crenças e valores negociados discursivamente, esse modelo de análise permite um olhar mais complexo sobre o fenômeno da polarização e das comunidades imaginadas. Compreender como as escolhas léxico-gramaticais polarizadas contribuem para o estabelecimento dos posicionamentos on-line pode gerar entendimentos sobre como as comunidades imaginadas funcionam.

O Sistema de Avaliatividade compreende um arcabouço teórico para a análise das opções avaliativas empregadas para ampliar, reforçar e atenuar nossos posicionamentos. Esse sistema é organizado em três subsistemas: **Atitude, Engajamento e Gradação.**

4.3.1

Atitude

A Atitude mostra como o falante/escritor avalia os participantes envolvidos na interação de forma implícita ou explícita, através do Afeto (avaliação expressa pela emoção), do Julgamento (avaliação moral e ética) e da Apreciação (avaliação estética, geralmente expressa a objetos).

Afeto é a categoria de Atitude que apresenta significados positivos e negativos, explícitos e implícitos envolvendo emoções. Por exemplo, categorias como amor/ódio, alegria/tristeza, satisfação/insatisfação são avaliadas por meio desse subsistema. O Afeto é realizado em substantivos, adjetivos e advérbios (de modo), exprimindo a avaliação de base emocional do falante (VIAN JR; SOUZA; ALMEIDA, 2010)

Nóbrega (2009) explica que o Afeto, enquanto ligado ao campo da emoção, é o subsistema responsável pela interligação entre as categorias do sistema de Avaliatividade. As outras categorias de Atitude (Julgamento e Apreciação) são responsáveis, então, por controlar e valorar a emoção que é realizada na categoria de Afeto.

O Julgamento está relacionado ao campo da ética e concerne as avaliações que os participantes tecem referentes ao comportamento humano. Assim como o

Afeto, pode ser explícito ou implícito. Contudo, o Julgamento serve para manifestar avaliações do campo das normas sociais, geralmente referindo-se ao moral/imoral ou polido/impolido²⁰.

Existem duas categorias de Julgamento: estima social e sanção social. Estima social se refere ao Julgamento pessoal, podendo cumprir as funções de admirar (positivo) ou criticar (negativo) o comportamento de um ou mais interlocutores. Sanção social, por sua vez, concerne o uso de recursos de base institucional (passível de punição legal), sendo realizada como aprovação ou desaprovação. Esses recursos, assim, realizam tipos de Julgamento específicos, como mostrado no quadro abaixo, retirado de Tavares (2014):

Quadro 3: Resumo dos recursos de Julgamento			
JULGAMENTO Direto/Implícito Positivo/Negativo	Estima Social	Normalidade	É especial?
		Capacidade	É capaz?
		Tenacidade	É de confiança?
	Sanção Social	Veracidade	É honesto?
		Propriedade	É justo?
	Fonte: Tavares, 2014, p. 31		

A Apreciação diz respeito à estética, utilizando os mesmos recursos do subsistema de Julgamento para analisar objetos, performances e fenômenos. As avaliações feitas pelo subsistema de Apreciação são “objetificadas”, ou menos personalizadas. Em outras palavras, a Apreciação (embora utilize os mesmos recursos do subsistema de Julgamento) o faz de maneira a avaliar valor ao invés de caráter.

Contudo, Martin e Rose (2003, p. 39) salientam que separar caráter de valor em nossas avaliações é por vezes difícil. A diferença entre Julgamento e Apreciação torna-se nebulosa quando, por exemplo, avaliamos a performance ou

²⁰ <http://www.grammatics.com/appraisal/>. Acessado 04/012018

escolha de alguém em uma determinada situação. No exemplo abaixo, o comentarista aprecia as recomendações feitas em outro comentário, o que pode ser interpretado como um Julgamento de caráter direcionado ao seu interlocutor:

Quadro 4: Exemplo da ambiguidade entre de Julgamento e Apreciação		
Comentarista	Turno	Comentário
4	1.5	Excelente recomendações! Qualquer um desses se lançados, me fariam assistir na hora
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=r_qwxl-4Cow&t=1s		

O sistema de Atitude auxiliará a análise da seção de comentários do canal Nerdologia ao possibilitar o entendimento de como a atitude dos falantes/escritores afeta seus posicionamentos. As avaliações tecidas na defesa e na manutenção da comunidade imaginada servem para melhor compreendermos como a emoção influencia sobre os posicionamentos tomados no espaço virtual e, por extensão, no espaço atual, haja vista que interações on-line afetam e são afetadas pelas off-line. Os posicionamentos construídos pelos participantes são analisados a partir dos recursos dos subsistemas de Engajamento e Gradação, que explicarei a seguir.

4.3.2

Engajamento e Gradação

O subsistema de Engajamento é utilizado para analisar o quanto a voz autoral (ou, para fins da presente pesquisa, o falante/escritor) se compromete com o que diz enquanto o subsistema de Gradação é utilizado em conjunção com os subsistemas anteriores (Atitude e Engajamento) modificando (por atenuação ou realce) os sentidos construídos naqueles subsistemas.

Martin e White (2005) apresentam as categorias de Engajamento e Gradação por uma perspectiva dialógica, informados pelos conceitos de

dialogismo e heteroglossia de Bakhtin (1997; 2006).

O termo dialogismo foi proposto por Bakhtin/Volóshinov (BAKHTIN, 1997; 2006), ligando a concepção de linguagem à de interação verbal. Com isso, a teoria bakhtiniana afirma que não existe linguagem em uso sem um ou mais interlocutores diretos ou indiretos. O conceito de dialogismo exposto até aqui acrescenta à concepção sociosemiótica de linguagem ao defender a ideia de que o diálogo não é resultado unicamente dos participantes presentes, mas também dos enunciados que os participantes “trazem” à interação, como salienta Silva (2013, p. 53):

se toda palavra se dirige a alguém e tem seu tema construído na interação, temos sempre o mínimo de dois interlocutores. No entanto, devemos também considerar que todos os enunciados que participamos vêm de outros enunciados e provocam respostas

Entendemos, portanto, que enunciados (textos) estabelecem relações dialógicas uns com os outros. Falantes/escritores podem colocar dois ou mais textos em diálogo para defender/atacar posicionamentos com os quais interagem. Por exemplo, o vídeo "Fomos à Lua?" (analisado mais detalhadamente no cap. 5) põe em diálogo dois livros: "We never went to the moon" e "Bad Astronomy", ambos usados para desqualificar o discurso que defende a ida do homem à lua.

O ferramental de análise do subsistema de Engajamento tem seu desenvolvimento orientado para a análise da realização do dialogismo e os significados situados em contexto. Com isso, seu foco é entender a estrutura de opiniões alternativas sobre as quais textos operam. A partir da rede de textos criadas em interação, é possível compreender as posturas adotadas por falantes/escritores quanto a valores e participantes sendo referenciados em textos. Os recursos que os participantes dispõem são a monoglossia – texto cuja fonte do discurso é o próprio autor, não reconhecendo outros discursos – e a heteroglossia – que reconhece outros discursos.

Em textos heteroglóssicos, o reconhecimento de alternativas pode ser feito a partir de contração e expansão dialógica. Ao utilizar recursos de contração

dialógica, o produtor textual assume uma posição em desacordo ou em rejeição a uma postura contrária. Isso equivale a dizer que tais formulações desafiam, evitam ou até mesmo restringem o escopo das posições e de vozes alternativas. Ao realizar uma expansão dialógica, o produtor textual faz com que a proposição contida em sua voz seja apenas uma das diferentes possibilidades de posições que pode assumir, propiciando, desse modo, a abertura de posicionamentos alternativos, sejam esses de aceitação ou rejeição. Os recursos de contração dialógica compreendem as categorias de Refutação e Ratificação. Os de expansão dialógica, as de Entretenimento e Atribuição (TAVARES, 2014)

Refutação acontece quando a voz textual se posiciona de forma a rejeitar alguma posição contrária. Ela pode se realizar por negação ou contraposição. A negação se realiza em termos como *não* ou *jamais*. Ratificação consiste em representar uma posição como altamente confiável, invalidando posições alternativas. Pode se realizar por confirmação de expectativa (realizado em termos como *obviamente*), pronunciamento (realizado em expressões como *a verdade é que*) ou endosso (realizado em verbos como *mostrar e demonstrar*).

Entretenimento significa apresentar alguma proposição como baseada no posicionamento subjetivo da voz textual, abrindo possibilidades. Se realiza, geralmente, através de processos específicos de modalização (parecer, sugerir, etc). Atribuição é apresentar a proposição com base em voz externa, também como uma possibilidade. É realizada por reconhecimento ou distância, através da projeção (discurso indireto), ou seja, processos como *dizer* ou *relatar e alegar*. Na tabela abaixo, resumo os recursos do subsistema de Engajamento:

Quadro 5: Resumo dos recursos de Engajamento			
Engajamento	Contração	Refutação	Negação
			Contraposição
		Ratificação	Confirmação de Expectativa
			Pronunciamento
	Endosso		
	Expansão	Entretenimento	----
		Atribuição	Reconhecer
			Distanciar

Ao Engajamento, alia-se o subsistema de Gradação, responsável por expressar o nível de comprometimento com um determinado posicionamento. Por meio dos recursos de Gradação, falantes e escritores atenuam ou potencializam seus enunciados. Assim, o subsistema de Gradação trabalha junto com os subsistemas de Atitude e Engajamento para compor as avaliações que verificamos nas interações cotidianas.

Martin e White (2005) explicam que a semântica da Gradação é essencial ao Sistema de Avaliatividade. A Atitude e o Engajamento podem ser entendidos como domínios da Gradação, que mostra como falantes/escritores se alinham ideologicamente.

No estudo conduzido nesta dissertação, os recursos de Gradação se mostram essenciais para a análise do fenômeno da polarização ao demonstrarem como escritores-em-interação fecham a possibilidade de discordância com os posicionamentos que defendem nos diálogos tecidos na seção de comentários do YouTube.

O subsistema de Gradação é organizado em dois eixos de escala: Força e Foco (MARTIN; WHITE, 2005). A **Força** é o eixo que tange a intensidade e a

quantidade, enquanto o **Foco** se refere à prototipicidade e a precisão sobre as quais os limites são estabelecidos (Reforço e Suavização). No quadro abaixo, resumo as categorias do subsistema de Gradação:

Quadro 6: Subsistema de Gradação	
Força	Intensidade
	Quantidade
Foco	Reforço
	Suavização

Quando tratamos de Força, a intensidade é usada para identificar termos que se tratam de qualidades e processos. Adjetivos como *excelente*, *extremamente* ou *menos* são realizações possíveis do subsistema de Gradação como Força: Intensidade. Os recursos de Quantidade, por outro lado, são usados com relação a entidades, como pessoas ou objetos (*muitos vídeos*, por exemplo).

Percebemos que a realização pode ser ambígua quando nos deparamos como o mesmo termo sendo usado para se referir a qualidades e entidades. Por isso, é necessário atentar ao contexto quando procedendo a análise. No exemplo abaixo, podemos ver o uso do adjetivo “**excelentes**” como forma de intensificar o posicionamento do comentarista com relação à entidade “**recomendações**”:

Quadro 7: Exemplo de uso Força: intensificação		
Comentarista	Turno	Comentário
4	1.5	Excelente recomendações! Qualquer um desses se lançados, me fariam assistir na hora
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=r_qwxl-4Cow&t=1s		

O Foco, por outro lado, não costuma ser escalável do ponto de vista da quantidade ou intensidade. Os recursos de Foco funcionam a partir do princípio de prototipicidade, ou seja, “categorias que operam em taxonomias experienciais, determinadas mais ou menos por alguma combinação de condições suficientes e necessárias” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 137). O Foco é realizado a partir de recursos de Reforço e Suavização.

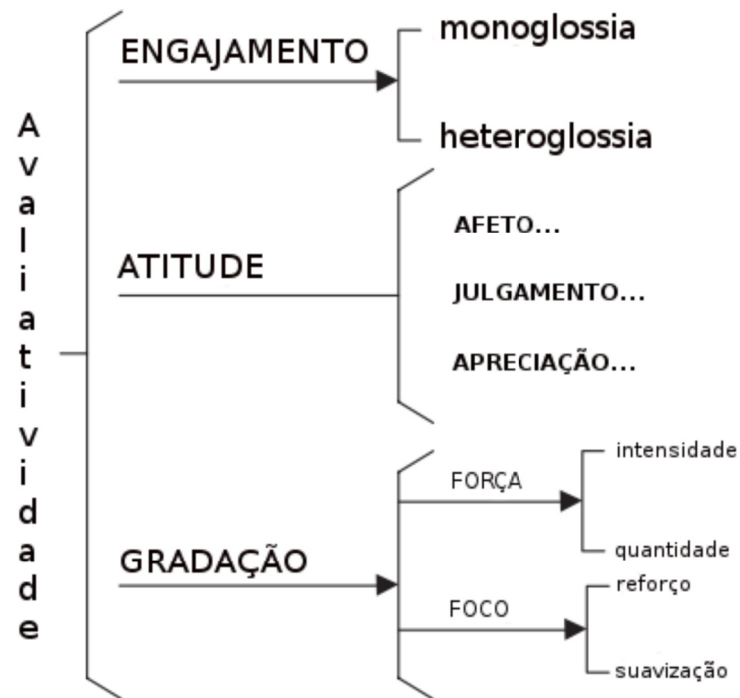
Os recursos de Reforço se realizam em termos que intensificam a avaliação feita, podendo ser expresso por termos como *verdadeiro*, *genuíno* ou *sério*. Os de Suavização, por outro lado, atenuam a avaliação feita, podendo ser realizada em termos como *um tipo de* ou *pequeno* (referindo-se à importância).

Assim, itens lexicogramaticais que realizam o recurso de Foco funcionam de forma a redefinir propriedades dos termos avaliados. No exemplo abaixo, os termos “**sério**” e “**inteligente**” são usados para se referir ao termo discussão (grifo meu):

Quadro 8: Exemplo de Foco: Reforço	
Turno	Comentário
14.52	De sério essa discussão nao tem mais nada a tempos, só um bando de pessoas debatendo opinioes próprias, sem nada pra dizer, eu ja desisti de achar alguma resposta inteligente e ja vi que é daqui pra pior por isso vou só ignorar a postagem e boa sorte ai pra quem fica
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=r_qwxl-4Cow&t=1s	

Com isso, o Sistema de Avaliatividade pode ser resumido da seguinte maneira:

Figura 2: Sistema de Avaliatividade



Fonte: Martin e White (2005) - *tradução minha*

Nesta pesquisa, investigo como os recursos de Atitude, Engajamento e Gradação são utilizados para estabelecer as fronteiras da comunidade imaginada no canal Nerdologia do YouTube e as potencialidades de tal comunidade como um local de pertencimento e, ao mesmo tempo, de exclusão. No capítulo que se segue, me dedico ao conceito de Cibercultura, sua relação com os estudos da linguagem, e seu lugar nessa dissertação.

